

APRESENTAÇÃO

Rosa Maria Hessel Silveira¹
Norma Sandra de Almeida Ferreira²
Marília Forgearini Nunes³

A leitura parece estar na ordem do dia. “Brasil está entre os últimos colocados em ranking sobre leitura” (Agência Brasil – 21.05.2023) é uma manchete semelhante a tantas outras que pipocaram recentemente na mídia brasileira, embora seu caráter novidadeiro possa ser posto rigorosamente em dúvida – em rankings internacionais de proficiência leitora, o país dificilmente vem obtendo resultados animadores. E repetidamente, a cada divulgação no Brasil de resultados de pesquisas internacionais, são chamados a opinar, avaliar causas, apontar responsáveis e propor soluções, diretores de institutos privados de pesquisa em educação, coordenadores de ONGs, experts em rankings, desempenhos e medidas, economistas... enfim, ‘especialistas em leitura’...

Mas tal representação da leitura – como competência mensurável em um determinado momento por instrumentos padronizados que possibilitam a comparação e classificação de sujeitos, escolas, sistemas e países – não implicaria um estreitamento considerável das imagens e práticas de leitura que circulam em diferentes âmbitos sociais, em diversas comunidades ligadas pelos mais variados elos – etários, profissionais, familiares, educativos, religiosos, étnicos, culturais etc.? Surpresa, medo, identificação, riso, reconhecimento, descoberta, consolo, angústia, prazer, alegria, compartilhamento... para citar apenas alguns elementos sabidamente articulados à leitura, em especial à leitura literária, não estarão sendo sumariamente ignorados e descartados na forma como a ‘leitura’ é focalizada no discurso jornalístico das sociedades neoliberais contemporâneas, sob o signo do individualismo e da competitividade?

¹ NECCSO – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5797-6627> E-mail: rosamhs@gmail.com

² Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3078-2168>. E-mail: normasandra@yahoo.com.br

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3911-5588>. E-mail: mariliaforginunes@gmail.com

Pois bem: é assumindo a pluralidade, a complexidade e a profundidade de sentidos de leitura - para além de índices de aferição e ordenamentos de resultados padronizados - que propusemos o dossiê que ora apresentamos. Inspiraram-nos ainda uma prática simultaneamente pessoal e coletiva de investigação e estudo ligada à leitura de crianças e adolescentes, entendida em sua importância central na formação de leitores, e, por outro lado, a consciência da relevância da partilha de estudos e reflexões em revistas acadêmicas de acesso gratuito e online. É nessa cultura em que o escrito (no livro, nas revistas, nos jornais e outros suportes físicos) vem ocupando de forma contínua um papel central como signo de comunicação estável, de informação, de comunicação, como espaço de fruição, de criatividade e de interpelação de sujeitos, que a leitura vem atraindo a atenção de pesquisadores/as há décadas - como pode ser exemplificado por trabalhos com viés histórico como os de Darnton (1988, 1990) e Chartier (2001, p.ex.) e por outros que se debruçam sobre leitores/as contemporâneos. Sobre este pano de fundo, o presente dossiê apresenta seu tema central - leitura de impressos, em especial por crianças e jovens, naquela quadra da vida que vem sendo caracterizada como a da formação de leitores. É evidente que num momento em que o mundo virtual, de forma tentacular, penetrou em nossas vidas, não poderíamos nos furtar a abrigar também reflexões que palmilhassem a discussão entre o virtual e o impresso, como adiante veremos.

Atenderam ao nosso convite 24 pesquisadores/as de diferentes origens, internacionais, da Espanha e de Portugal, e nacionais, de quatro regiões brasileiras, reunindo 13 estudos que ora se aproximam entre si - e o maior denominador comum a vários artigos é o tema da mediação da leitura literária -, ora se distinguem, pelo objeto específico de atenção do olhar (objetos de leitura, p.ex., instâncias de atuação), pela diferença de época e de espaço examinados, assim como por distintas inspirações teóricas.

E é com *Onde está a chave?* que Marina Colasanti abre este dossiê, perguntando qual lista de obras seria capaz de seduzir os jovens e oferecer a eles uma formação literária e cultural de qualidade, com a sensibilidade e a propriedade de quem acredita “na força dos livros” e na tentativa de alcançá-la através da leitura literária. Percorrendo relatos de autores renomados sobre as obras que os marcaram, ela constrói o conceito de *fulgurações*, aqueles momentos imprevisíveis, não totalmente explicáveis, responsáveis por tornar único e singular o encontro do leitor com um livro e de inscrevê-lo na memória, conduzindo à inclusão da leitura na própria vida.

A chave que abre o debate para a importância da mediação na leitura literária e na formação de leitores está posta em quatro artigos que divulgam pesquisas realizadas em contexto escolar: *O mediador do texto literário: análise de uma experiência de leitura com crianças* (Ometto e Daibello); *A leitura literária como caminho para a formação de leitores: alguns apontamentos* (Estevam e Correio); *Interação, Linguagem e afetividade: elementos teóricos práticos para compreender a mediação de leitura na escola* (Souza e Felipe) e *Contribuciones de la investigación al estudio de la literatura infantil y juvenil y la educación literaria* (Correro e Fittipaldi).

Em cada um desses artigos, encontra-se presente uma nuance ou distinção, uma complementação ou um aprofundamento conceitual: novas configurações sobre um mesmo tema, em diversas perspectivas teóricas e sob o olhar inteligente e sensível de seus autores/autoras.

Cláudia Ometto e Cláudia Daibello, por exemplo, discutem a especificidade da leitura literária em experiências de mediação e de intervenção (planejadas e deliberadas) que favoreçam a troca entre leitores, a ampliação da compreensão do texto, a atribuição de muitos sentidos, o ambiente de escuta e de fomento às apreciações estéticas, aspectos que vão além da identificação da estrutura e do conteúdo do texto. As autoras apresentam um relato de vivências de leitura de um livro impresso – *O carneirinho que veio para o jantar*, de Steve Smallman e Joelle Dreidemy, em uma turma de 2º ano de uma escola pública do estado de São Paulo, envolvendo ler e conversar coletivamente sobre a obra, ações mediadas pela intervenção adequada da professora, o que demonstra a potencialidade da mediação em uma situação escolar. A análise da experiência relatada dialoga com autores como Michele Petit, Cecília Bajour e Annie Rouxel, conhecidas autoras do campo da leitura literária.

Já no artigo *A leitura literária como caminho para a formação de leitores: alguns apontamentos*, Aparecida Estevam e Diana Correio, após tecerem considerações gerais sobre a leitura literária na escola, discutem dados advindos de uma pesquisa qualitativa realizada com uma professora e com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Rio Grande do Norte. Defendendo a função humanizadora e crítica da literatura na formação dos leitores, em diálogo com estudiosas brasileiras da leitura literária e da formação de leitores, as autoras propõem uma mediação dos professores em práticas de leitura prazerosas e significativas, em oposição àquelas que limitariam os sentidos dos textos.

Em seu trabalho *Interação, linguagem e afetividade: elementos teórico-práticos para compreender a mediação de leitura na escola*, Nilo de Souza e Eliana Felipe refletem sobre os conceitos de interação, linguagem e afetividade no contexto de mediação e na formação do (gosto) leitor, na escola. Para isto, evocam tanto conceitos do Sociointeracionismo como da Fenomenologia. Segundo os autores, a mediação deve ser compreendida para além de estratégias pragmáticas ou sequências didáticas a serem desenvolvidas pelos professores em sala de aula. De forma articulada aos conceitos explorados, os autores divulgam resultados de projetos do seu grupo de pesquisa (GELAFOL-UFPA), entre eles o da investigação da produção do gosto pela leitura em situações realizadas em “Clube de Leitura”, com estudantes do 3º ao 9º ano do EF e do Ensino Médio de escolas públicas localizadas em bairros periféricos de Belém/ PA.

O último artigo que aborda a educação literária na formação dos leitores com ênfase no ambiente escolar, intitula-se *Contribuciones de la investigación al estudio de la literatura infantil y juvenil y la educación literária*, de Cristina Corroero e Martina Fittipaldi, e apresenta estudos também realizados por grupo de pesquisa, no caso, GRETEL-UABarcelona, fundado em 1999 e coordenado por muitos anos pela conhecida autora e pesquisadora Teresa Colomer. Os estudos mencionados e apresentados localizam-se em três direções: no conhecimento e na análise da produção dos livros de literatura Infantil e Juvenil previstos para diferentes etapas escolares, lançados com novos projetos editoriais (especialmente no caso dos livros-álbuns, livros digitais); na compreensão das respostas leitoras na aprendizagem e desenvolvimento de competências interpretativas do texto literário e no estabelecimento de práticas de leitura mais frequentes e sólidas (hábitos leitores); na formação de docentes como mediadores da seleção do corpus literário, bem como na elaboração e planejamento de atividades didáticas para fortalecer a educação literária dos jovens leitores, em diversas instituições.

Saindo da ênfase principal do ambiente escolar e da educação institucional, o artigo denominado *Quando os livros se tornam família*, de Renata Junqueira de Souza, Lúcia Barros e Cleide Campos, traz como foco central a potencialidade da leitura literária com crianças pequenas e a importância da sua mediação no contexto familiar. Nesse sentido, a formação do educador como mediador entre livros-leitores-família-escola pode contribuir com práticas de leitura com significativa carga de afetividade e ludicidade no envolvimento dos pequenos leitores com as obras. As autoras relatam projetos de leitura desenvolvidos na/em família, analisando quatro obras infantis portuguesas e brasileiras de estrutura

cumulativa, preferencialmente destinadas a crianças pequenas, sugerindo ações da família, a partir da inspiração de experiências já realizadas.

As práticas de leitura fora da escola, embora não mediadas pela família, se tornam presentes no dossiê, também através de memórias de leitores infantis dos anos 50 do século XX, que, em entrevistas sobre a leitura de uma revista infantil da época (revista gaúcha *Cacique*), rememoram suas práticas de leitura de quadrinhos da época, em gibis ou em revistas infantis que os abrigavam. Em *Leitura de quadrinhos por crianças gaúchas nos anos 1950: entre a condenação e o entretenimento*, Marília Forgearini Nunes, Rosa Hessel Silveira e Maria Helena Hessel trazem as vozes desses leitores e leitoras; assim, títulos, personagens, desenhos, impressões, sensações, comparações, circunstâncias de leitura são evocados por eles/elas, e tais práticas se davam numa época em que coexistiam uma crescente popularização da linguagem dos quadrinhos no Brasil e uma campanha de teor pedagógico e moral visando à sua condenação.

Se a leitura de quadrinhos era motivo de contestação e pivô de discussões entre pedagogos, intelectuais e famílias em meados dos anos 1940, 1950 e décadas seguintes, no Brasil, certamente uma controvérsia de âmbito ainda mais amplo domina as discussões contemporâneas de todos os interessados na leitura: o embate e/ou as articulações entre livros impressos e livros digitais.

Neste sentido, em *Entre a literatura impressa e a digital*, Dagoberto Buim Arena desenvolve reflexões a respeito da disputa atual entre livros impressos e digitais para crianças. Três ideias sustentam e orientam a sua argumentação e análise: a literatura impressa e a digital para crianças não se excluem mutuamente; a dessacralização da literatura para crianças não passa apenas pelo suporte, mas também pelo valor agregado a ela; a diversidade é a fonte da dessacralização. Na disputa entre impresso e digital, conforme o autor, “desenha-se a diversidade que tece a arena onde se darão as lutas sociais de criação e de consumo desses bens culturais.” (ARENA, 2023).

Em outra vertente de artigos que vieram a integrar o dossiê, encontram-se quatro textos cujos autores se debruçaram sobre uma obra ou sobre um conjunto delas, reunidas em torno de um eixo, efetuando projeções e ilações relativas a seus leitores infantojuvenis.

Assim, em *Aspectos del lenguaje intertextual en versiones de Caperucita Roja*, Elisabet Contreras Barceló e Ilsa do Carmo Vieira Goulart realizam uma interessante análise comparativa de oito versões recentes do conhecido conto

registrado por Perrault em 1697. Inspiradas em autores como Bakhtin, Kristeva, Genette e Díaz-Plaja, com respeito à intertextualidade e elementos semióticos envolvidos, as autoras, em sua análise, apontam para a importância de os pequenos leitores, frente a tais obras ou a alguma delas, buscarem em sua experiência acumulada de leitura elementos que lhes permitam estabelecer interrelações entre distintas obras. Como observam, “la literatura infantil ofrece muchas posibilidades: los personajes, las situaciones y modelos discursivos se van reiterando, así como los esquemas narrativos, pero la caracterización, la función y los roles de los personajes se han ido formulando y reformulando a lo largo de los siglos, especialmente en los cuentos de hadas.” (BARCELÓ, GOULART, 2023).

Já em *Do norte ao sul: escolhas editoriais e leituras possíveis em livros infantis de protagonismo negro*, Vivian Stefanne Soares Silva e Luiz Henrique Silva de Oliveira se propõem a analisar a tríade — projeto gráfico, ilustração e texto verbal — em dois livros infantis ilustrados que apresentam a biografia de Nelson Mandela, conhecido líder negro sul-africano. As duas obras, ainda que contemporâneas, distanciam-se pelo local de publicação: no Brasil e na Espanha. A partir de considerações sobre a importância da imagem na literatura infantil contemporânea e sobre o gênero biográfico, e inspirados em Ramos (2011), Linden (2011) e Nikolajeva e Scott (2011), os autores empreendem análise atenta e detalhada do projeto gráfico, ilustrações e texto das obras Nelson Mandela, de Isabel Thomas e Hannah Warren, publicada em Barcelona, Espanha, pela editora Blume em 2019, e Madiba, o menino africano, de Rogério Andrade Barbosa e Renato Alarcão, publicada em São Paulo, Brasil, pela editora Cortez, em 2011.

Por sua vez, Lucas Bitencourt Fortes e Gisele Massola, em *Entrelaçamento entre as pedagogias culturais e pedagogias do horror: lições a partir da obra “A vida não me assusta”*, buscam no conceito de ‘pedagogias culturais’ e na prática de uma análise cultural bem como na metodologia visual crítica, elementos para adentrar a obra “A Vida não me Assusta”, organizada por Sara Jane Boyers sobre um poema da escritora Maya Angelou e com ilustrações do artista Jean-Michel Basquiat. Os autores exploram o entendimento de que, dentro da expansão do que se entende como pedagógico, os livros literários exibem uma potencialidade para interpelar os sujeitos, sobretudo crianças e jovens, mesmo na exploração do campo do ‘horror’, como é o caso do texto verbal e das imagens da obra analisada.

O último artigo deste conjunto que focaliza especificamente uma obra literária é trazido por Cyntia Giroto, Edson de Azevedo e Letícia Kondo, e se intitula “*Clara e o homem na jaula*”: *leitura literária e humanização à luz da filosofia da linguagem*. Tendo como horizonte a concepção da literatura infantil como forma de humanização, os autores se debruçam sobre a obra *Clara e o homem na jaula*, de María Teresa Andruetto, publicado pela editora Ameli, colocando em cotejo marcas de sua vida e elementos presentes na obra. O enredo tematiza a construção da amizade entre um velho solitário e uma menina, em que a leitura tem um papel primordial. Os autores do artigo se dedicam a adentrar os enunciados verbais e visuais que compõem o texto, com inspiração em Bakhtin, para concluir sobre a importância da leitura do livro ilustrado na formação da criança, assim como sobre a relevância da qualidade literária e estética nas obras ofertadas na formação do leitor.

Se alguns dos artigos do dossiê se debruçaram especificamente sobre obras desafiadoras e diversas entre si, capazes de capturar leitores infantis e juvenis, subvertendo o corriqueiro, não se pode esquecer a importância de um elemento central para sua produção: as editoras. E é dentro do campo da pesquisa sobre o trabalho editorial, que se situa o artigo *Editora Giroflé: um lampejo de poesia e sonho no mercado de livros para a infância brasileira (1962-1964)*, da autoria de Norma Sandra Ferreira e Maria das Dores Soares Maziero. Seu objetivo é construir uma história da editora Giroflé, de efêmera existência no mercado editorial (1962-1964), que, entretanto, se destacou no cenário editorial do país pelo caráter inovador de seu trabalho, comprovado pelo lançamento dos cinco livros da Coleção Giroflé-Girafa e pela intenção de oferecer uma educação literária e cultural de qualidade para a infância brasileira. Ainda que seja um elemento frequentemente ignorado na análise da produção e da circulação de obras literárias para crianças e jovens e, conseqüentemente, na formação de novos leitores, o trabalho editorial teve e tem um papel inestimável dentro da cultura escrita.

Finda a breve apresentação dos 13 estudos que compõem o presente dossiê, algumas palavras ainda se fazem necessárias.

Se, neste momento, a revista *Textura* coloca ao alcance dos olhos e das mentes de suas leitoras e seus leitores um conjunto de estudos férteis para a reflexão sobre diferentes temas do campo da leitura, para a escolha e proposição de novas práticas no campo e para a formação de professores e mediadores, é

preciso salientar o quanto a grande maioria destes estudos apenas se tornou possível pelo apoio governamental à pesquisa e à formação de pesquisadores. É apenas através da concessão de bolsas de pesquisa e estudo (em diferentes níveis, desde a Iniciação Científica até o pós-doutoramento) e de auxílios de pesquisa, que a investigação acadêmica, a publicação de estudos e a formação de pesquisadores e professores se torna exequível (não só no Brasil, como em todos os países). Neste sentido, várias agências de fomento à pesquisa - estaduais e nacionais - estão implicadas neste esforço de estudo, pesquisa e divulgação. E, mais do que isso, a presença e a atuação delas, em condições muitas vezes adversas, dão ânimo e força para que a pesquisa e a produção acadêmica, assim como sua divulgação, cumpram seu papel na construção de uma sociedade mais igualitária e mais justa, em que todos/as tenham seus direitos reconhecidos, inclusive o 'direito de acesso à leitura e à literatura', pois, como relembra PETIT,

Apresentar a alguém livros de literatura e obras de arte é dar vida ao espaço concreto, dar-lhe um sentido. É introduzir a um outro mundo que abre radicalmente esse espaço material, de uma maneira vital para quem se sente fora do jogo, fora do lugar. Entre lugares materiais e ficcionais, as trocas serão incessantes. Territórios familiares servirão de cenário e estrutura às páginas lidas. Espaços literários ou cinematográficos se atrelarão a um ponto do real e este será transformado. Ao menos é desejável que assim seja para que, ao percorrer as ruas ou as praças, as margens do rio ou os jardins, abram-se lembranças, devaneios, todo um "interior". Para que o olhar lançado sobre o que nos rodeia seja vivo." (PETIT, Michele. *Ler o mundo*. p.121-122)

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.



DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PETIT, Michele. **Ler o mundo: experiências da transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2019.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.